



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 95

Estado de sítio

Branca Vianna: Está começando o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

O título do episódio de hoje é “Estado de sítio”. E se alguém ainda tinha qualquer dúvida se o time do Apresenta é chegado em piada de tiozão, eu preciso afastar essa sombra. Porque por “estado de sítio”, a gente quer dizer sítio mesmo, tipo chácara, fazendinha, enfim.

Se você nos perdoou pela gracinha e continua por aqui, eu vou explicar a que a gente veio: as duas histórias de hoje se passam na zona rural. E o que elas têm em comum é o sonho de uma casa no campo... e todos os problemas imagináveis e inimagináveis que esse sonho pode trazer junto com ele.

O primeiro ato de hoje vai ser narrado pelo Vitor Hugo Brandalise.

ATO 1 - SÍTIO QUE VIROU PÓ

Vitor Hugo Brandalise: Esses dias, me aconteceu uma fatalidade.

Romero Castro: E eu costumo dizer o seguinte: nunca faça uma pergunta pro mineiro, porque o mineiro nunca tem uma resposta pra te dar, ele tem um caso pra te contar.

Vitor Hugo Brandalise: Eu fiz uma pergunta pro Romero Castro, que é mineiro...

Vitor Hugo Brandalise: Que história é essa, como é que você conta essa história, que que aconteceu?

Vitor Hugo Brandalise: E passei mais de duas horas ouvindo ele contar um causo.

Romero Castro: ... de quando eu aluguei a minha chácara em Curitiba.

Vitor Hugo Brandalise: Tudo começou porque o Romero sentiu que, beirando os 60 anos, finalmente estava chegando a hora de ele realizar um sonho de vida.

Romero Castro: Praticar o nadismo.

Vitor Hugo Brandalise: Depois de décadas trabalhando como engenheiro agrícola, ele queria fazer... nada. Ficar de boa. Aproveitar a vida e o dinheiro que ele tinha conseguido juntar. Ele ainda não estava aposentado, então não dava pra praticar o nadismo em tempo integral. Mas dava pra começar a treinar...

Romero Castro: Eu queria morar na zona rural, eu tinha vontade de comprar um sítio, né? A minha família toda é de Araxá, e aí, com quatro, cinco anos de idade, eu morei em Tiros, que é uma cidade muito pequena em Minas Gerais, com meu pai, minha mãe e meu irmão, e era uma fazenda alugada, e no trabalho, na lida diária era só eu e o meu pai, não tinha empregado, então com cinco anos andava a cavalo, apartava gado com ele... Era alugado, né? Era bem simples o local, mas tem a origem, que fica na lembrança.

Vitor Hugo Brandalise: O que ficou na memória do Romero foi a vida calma, o contato maior com a natureza... Nessa época, o Romero estava morando em Curitiba, de aluguel. E ele começou a ir atrás de sítios à venda ali por perto, seguindo essa ideia de voltar a morar no campo.

Romero Castro: E aí olhando anúncios na internet, o primeiro que eu vi, apareceu a foto, eu gostei, e falei: "Pô, quero comprar esse sítio!"

Vitor Hugo Brandalise: Primeiro, porque a localização era ótima.

Romero Castro: E, apesar de ser zona rural de Campo Largo, estou a 18 quilômetros do centro de Curitiba. Então é uma localização muito especial, assim, muito boa.

Vitor Hugo Brandalise: Campo Largo é um município a oeste de Curitiba. Mas, ao mesmo tempo que era perto, o sítio ficava num lugar reservado. A área construída ficava a uns 15 minutos de carro da rodovia. Além da casa principal, tinha uma casinha menor e um galpão bem grande.

Romero Castro: Então quando eu comprei ali, aquilo na verdade funcionava, chamava... Estaleiro Franzen.

Vitor Hugo Brandalise: O galpão era usado antes pra construir barcos.

Romero Castro: E veleiros, entre construção e reforma. Quando eu comprei, ele estava terminando de construir o último veleiro que ele construiu sozinho. Então ali era um estaleiro. Daí o galpão.

Vitor Hugo Brandalise: Era um espaço bem amplo, com pé direito de uns dez metros, onde eram construídos veleiros e iates – aqueles que têm área social, deque pra tomar uns drinks, cabines, cozinha – da primeira à última tábua... construídos no sítio que agora era do Romero.

Romero Castro: No dia 14 de dezembro de 2012, que foi quando eu comprei. Em abril de 18, a aposentadoria saiu.

Vitor Hugo Brandalise: E o Romero ia poder ser praticante do nadismo em tempo integral. Mas ele não tinha nem 60 anos ainda, estava cheio de disposição. Então ele achou que o projeto nadismo no sítio podia esperar. Ele queria viajar pelo mundo. Fazer nada na França, na Turquia, no Chile... onde fosse. E aí veio a ideia de alugar o sítio.

Romero Castro: Aí eu botei a chácara numa imobiliária pra alugar... a condição era: eles conseguiriam inquilino, mas a administração da locação, eu faria.

Vitor Hugo Brandalise: Como o Romero não queria ter que lidar com dor de cabeça, principalmente quando ele tivesse viajando, ele colocou alguns resguardos no contrato...

Romero Castro: Então pedi um cadastro muito completo e pedi que dessem uma casa, um imóvel em garantia do aluguel.

Vitor Hugo Brandalise: Além do imóvel, ele ia checar se a vida financeira do inquilino estava ok mesmo. Até contabilidade de empresa no nome dos locatários ele pedia... tudo pra garantir que não ia ter inadimplência. Várias pessoas se interessaram pelo sítio, mas ninguém conseguia atender às exigências. Ou não tinha imóvel pra garantia, ou não tinha fiador. Levou um tempo... Até que um dia apareceu uma pessoa.

Romero Castro: Aí eles conseguiram essa inquilina. Depois eles contaram o caso, que a inquilina, quando foi na imobiliária conversar, a primeira vez, falou: “Não, eu lembro de quando a gente era criança na fazenda em Maringá, eu tinha um cavalinho, eu gostava de andar de cavalinho”, cheio de história romântica na imobiliária, né?

Vitor Hugo Brandalise: Até ali, o Romero estava achando bom. Era uma pessoa tipo ele, que estava procurando uma vida mais tranquila.

Romero Castro: Aí eles levaram o pessoal na chácara. Aí foi ela, a sogra dela e um ou dois filhos, não me lembro bem, num carro muito bom, não lembro a marca. E ela falou: “É, porque a minha sogra vendeu a fazenda lá em Maringá e ela quer ter um lugar para guardar as coisas pessoais dela da casa, fazenda em Maringá”, né?

Vitor Hugo Brandalise: E o sítio do Romero tinha o espaço perfeito pra guardar essas coisas.

Romero Castro: “E vai ser bom usar o galpão para isso, pra guardar as coisas dela. Eu também mexo com produto de limpeza, sanitárias para a indústria e tudo. Se você deixar eu guardar também no galpão, eu vou usar para guardar esses produtos químicos no galpão”. Eu falei: “Não, tudo bem, pode guardar”.

Vitor Hugo Brandalise: A coisa estava andando bem. Iam morar na chácara a inquilina de quem o Romero tinha gostado, o marido dela, dois filhos pequenos, e a sogra.

Romero Castro: Correu tudo bem, o cadastro deles era muito bem montado. Ela tinha uma empresa com a contabilidade meio normal de

produtos químicos industriais, pra limpeza industrial, e o marido dela, o companheiro, era sócio numa empresa de transportes em Balneário Camboriú. O cadastro estava ok, a garantia estava ok...

Vitor Hugo Brandalise: Aluguel fechado.

Romero Castro: Inclusive no dia de entregar a chave para ela, que ela foi lá para casa, foi tudo uma conversa muito simples – eu mostrando as coisas para ela – e na verdade hoje eu volto atrás no tempo e vejo que, enquanto eu estava mostrando a casa para ela, fazendo o relatório de entrega, aquela coisa toda, de inspeção, a vistoria, né? Pra ela estava tudo muito bem o tempo inteiro, depois foi – “Pô, ela nem estava muito interessada [risos] nas coisas, né, em fazer a vistoria correta”. Ela estava doida para ir embora [risos], na verdade. Mas ela era muito educada, uma pessoa altamente tratável, como foi durante todo o tempo nas mensagens de WhatsApp, nas tratativas que nós tivemos e tudo, era uma pessoa muito tranquila. Nada que designasse qualquer coisa que você já ficasse com o pé atrás. Nada disso.

Vitor Hugo Brandalise: Isso era setembro de 2018. O Romero saiu do imóvel, os inquilinos entraram... e antes de começar as viagens dele, ele precisou dar uma passada no sítio pra pegar umas coisas.

Romero Castro: Quando entrei, a casa toda vazia, ainda. Um fogão na cozinha, muito sujo, imundo de sujo. Ela com o filhinho dela, uma cortina de um pano meio que transparente na janela da cozinha, que era uma janela de vidro, chácara, tudo era muito envidraçado, muito bonito, né? Uma cortina tampando a janela da cozinha e, no andar de cima, eu tinha deixado um colchão, tinha mais uns dois colchões muito sujos.

Vitor Hugo Brandalise: O Romero estranhou a falta de asseio.

Romero Castro: Ela falou: “Ah, nós estamos mudando para cá aos poucos, a gente fica um, dois dias na semana, então, aos poucos nós estamos vindo para cá”. Aí retirei tudo e tal, e fui embora e comentei com a minha tia, falei: “Tia, o pessoal que alugou a chácara, todo mundo gente boa, bacana de tratar, mas, assim, eles não têm muita higiene, tia, o fogão tá muito sujo [risos]”. Aí você vai fazendo o retrospecto todo e você vai vendo quanta coisa você tinha de sinal. Mas, paciência.

Vitor Hugo Brandalise: Bom, o Romero queria alugar o sítio pra poder viajar, né? E é contra os princípios do nadismo ficar se preocupando com o fogão sujo de uma

casa onde ele nem morava mais. Então, ele deixou de lado e foi se ocupar com coisa mais importante.

Romero Castro: Eu fui fazer a primeira grande viagem internacional, né? Aí fiz uma viagem para o Chile, para o Atacama, fiquei acho que 20 dias em San Pedro de Atacama, em fevereiro, março, mais ou menos, voltei pro Brasil... E aí eu fui fazer uma viagem maior, aí eu fui para Dubai, eu fui para o Cazaquistão conhecer, que foi uma surpresa monstruosa. Aí eu fui para Moscou, eu fui pra Romênia, eu fui pra Istambul, que eu já conhecia. Eu fui pra França, eu fiz uma viagem grande. Voltei.

Vitor Hugo Brandalise: Voltou pro Brasil, foi pro sul da Bahia... E o aluguel sempre caindo na conta.

Romero Castro: Pagamento de aluguel, data do vencimento, o valor da conta de luz, e transcorrendo normal.

Vitor Hugo Brandalise: Nisso, já tinha passado quase um ano. Juntando a aposentadoria e com o aluguel chegando direitinho, o Romero ia poder dar mais uma volta. Deserto do Atacama de novo, depois Arraial d'Ajuda, pra visitar um amigo... E aí chega uma mensagem da inquilina.

Romero Castro: A conta de luz meio que triplicou, quadruplicou, foi um valor absurdo. Acho que quadruplicou. Ela falou: "Ah, Romero, desculpa, nem sei"... porque ela é que paga a conta de luz... "Olha, esse mês eu e minha sogra, nós compramos um freezer usado e eu acho que ele gastou muita energia, a gente já até vendeu, por isso que a energia foi tão alta".

Vitor Hugo Brandalise: Ele nem ligou. Aí, uns dias depois, mais uma questão.

Romero Castro: Ela falou: "Romero, vou atrasar o aluguel um pouquinho, tem algum problema para você?". Eu falei: "Não, não tem problema, fica tranquila".

Vitor Hugo Brandalise: Depois de 15 dias, o dinheiro caiu certinho. Tudo de volta ao normal. O Romero estava na Bahia, se preparando pra fazer uma viagem longa, sem previsão de fim.

Romero Castro: Eu não tinha comprado passagem de volta. Que, nessa de viajar, eu ia subir Peru e subir a Amazônia e entrar pela Amazônia peruana, ia fazer uma viagem de uns seis meses.

Vitor Hugo Brandalise: Aí, ele recebeu uma chamada da inquilina.

Romero Castro: Ela falou: “Romero, olha, a gente quer te agradecer, a gente não vai ficar mais na chácara. A gente já pediu às pessoas pra poder limpar o gramado, pra pintar a casa, pra preparar tudo pra te entregar a chácara”.

Vitor Hugo Brandalise: Isso era bem antes do que estava previsto no contrato de aluguel...

Romero Castro: Ela falou: “É, porque eu sei que tem muita, então queria ver que que você pode fazer pra me ajudar, porque eu já estou indo de mudança pra Espanha, nós vamos mudar pra Espanha, então vê o que você pode fazer pra me ajudar...”

Vitor Hugo Brandalise: Como o Romero tinha planos de passar em Curitiba antes da viagem dele, ele se ofereceu pra conversar pessoalmente com ela. Mas ela encontrou uma desculpa pra cada um dos poucos dias que ele ficou lá... até que ela sumiu. Parou de responder.

E o Romero, com a passagem só de ida já comprada pra desbravar a América Latina... ele se mandou.

Romero Castro: Durante a viagem no São Pedro de Atacama, o vizinho liga: “Romero, a casa está abandonada, não tem mais ninguém. Todo mundo foi embora, e o cachorro, inclusive, está do lado de fora”.

Vitor Hugo Brandalise: Cachorro?

Romero Castro: Eu tinha um cachorro que ficou com ela para tomar conta, só que o cachorro não podia me contar o que que estava acontecendo, nem ligar pra mim. Embora visse tudo [risos].

Vitor Hugo Brandalise: O Romero ligou pra imobiliária e pediu pro corretor ir lá dar uma olhada no que tava acontecendo.

Romero Castro: “Romero, tá muito estranho, não tem ninguém na casa, né. O galpão tá todo tampado. As janelas todas do galpão, tinha um monte de janela pra iluminar o galpão, tá tudo com lona preta de construção, né? E na sala, a sala está assim, muito suja, metade da sala varrida, a outra metade sem terminar, e a vassoura encostada na parede”. E fotografou e me mandou, né?

Vitor Hugo Brandalise: Parecia que as pessoas tinham saído correndo de lá... Abandonaram o que estavam fazendo no meio.

Romero Castro: Aí eu falei: "Puxa, o que será isso?"

Vitor Hugo Brandalise: O Romero ainda estava lá no Atacama... então ele pediu pra um caseiro que tinha morado no sítio dar uma passada lá.

Romero Castro: Aí ele me ligou, falou: "Romero, tá muito esquisito isso aqui: o galpão tá todo enferrujado, tá tudo corroído, a estrutura de ferro do portão, tá tudo corroído, enferrujado, está até furado o ferro".

Vitor Hugo Brandalise: Isso foi no final de outubro de 2019 – fazia pouco mais de um ano que ele tinha alugado o sítio.

O Romero já não estava entendendo mais nada. O que era pra ser uma solução pra ele poder viajar em paz tinha virado um problema. Um mistério.

Romero Castro: Comprei a passagem, voltei urgente pra lá e fui direto ver. Quando eu cheguei, que eu olhei, eu vi aquilo tudo destruído. Eu olhava aquilo, tentava entender aquilo...

Vitor Hugo Brandalise: O enigma maior era o galpão.

Romero Castro: Até os grampos que seguram as chapas de telha metálica lá em cima, no galpão, estavam tudo enferrujado. Tudo, o galpão inteiro. A persiana de você abrir a janela de vidro, aquilo, você pegava, aquilo esfarelava na sua mão, assim, saía farelo de ferro na sua mão.

Vitor Hugo Brandalise: Definitivamente não era uma ferrugem natural, de umidade, em tão pouco tempo.

Romero Castro: Eu falei: "Bom, o que que pode corroer o ferro pra ficar desse jeito?"

Vitor Hugo Brandalise: Aí ele lembrou de uma coisa.

Romero Castro: Quando eu era adolescente, meu pai me deu de presente, ou eu pedi, eu devia ter uns 13, 14 anos de idade, não sei, tinha um brinquedo naquela época, tinha um brinquedo que era o Engenheiro Eletrônico, que você conseguia fazer até radiozinho, vinha um transistor, vinha tudo. E tinha um que era o Pequeno Químico, que vinha amônia, vinha ácido, e você fazia várias experiências. E uma das experiências era pegar um prego e jogar o ácido sulfúrico, que...

Imagina hoje você vender um brinquedo para criança de 12 anos que vem ácido sulfúrico, ao vivo e a cores [risos]. Amônia! Meu irmão foi abrir o vidrinho de amônia do brinquedo e ingeriu amônia, quase morreu intoxicado, sem conseguir respirar. Aí eu lembrei, lembrei do brinquedo lá do Pequeno Químico, a gente pegando o ferro e jogando ácido sulfúrico para poder corroer e derreter o ferro com ácido sulfúrico.

Vitor Hugo Brandalise: E aí, que que acontecia com o prego?

Romero Castro: Derretia, aquilo quase que derretia tudo, ia corroendo e reagindo o ácido sulfúrico com o ferro, aquilo você via borbulhar, assim, e o ferro sendo corroído. Aí que eu falei: "Pô, só pode ser ácido. De alguma maneira usaram ácido aqui".

Vitor Hugo Brandalise: Aí veio uma memória mais recente – e aqui eu já tô imaginando a cabeça do Romero igual aqueles quadros de detetive de filme, cheio de linhas vermelhas conectando os pontos da investigação.

Romero Castro: Eu não sei por que me veio a memória do inconsciente, que puxou assim, falei: "Gente, para produzir cocaína usa-se ácido sulfúrico". Eu vi isso em alguma vez na minha vida. Aí entrei no Google e coloquei lá: "Uso de ácido sulfúrico para produção de cocaína". Aí apareceu uma matéria do jornal da Globo, de São Paulo, que em Carapicuíba, eu acho, em 2015, eles tinham entrado no galpão onde estavam armazenando produtos químicos para a produção de cocaína. E aí eu vi o vídeo.

Reportagem – SPTV: *Os policiais encontraram as substâncias nesse depósito em Cotia. Ácido sulfúrico, ácido clorídrico, acetona e lidocaína.*

Romero Castro: E aí no vídeo tinha uns tambores de papelão, uns tambores de 200 quilos que são fechados com as argolas metálicas. E do lado de fora, em frente ao galpão, tinha um resto de fogueira que queimaram um monte de coisa que tinha oito dessas argolas lá.

Reportagem – SPTV: *Os produtos pertencem à empresa Funese Importação e Exportação de Produtos Químicos.*

Vitor Hugo Brandalise: Comércio de produtos químicos: a mesma ocupação da inquilina do Romero, conforme estava lá no completíssimo cadastro de aluguel.

Reportagem – SPTV: *O que chamou a atenção foi a quantidade de substância controlada que a empresa estava comprando sem informar para quem ela seria revendida.*

Romero Castro: Aí quando eu vi aquilo tudo eu falei: "Produção de cocaína. Eu tenho certeza".

Vitor Hugo Brandalise: Parecia uma cena de The Wire, ou de Sherlock. E, depois que essa ficha caiu, o Romero passou a ver o mundo de um outro ângulo, meio de ponta-cabeça. Tudo que tinha atraído ele quando ele foi comprar o sítio... também podia ser bem interessante pra esse outro público. Um lugar reservado, escondidinho...

Romero Castro: Quem passa em frente mal vê a casinha do caseiro e não vê nem o galpão.

Vitor Hugo Brandalise: E, ao mesmo tempo, próximo de um grande centro urbano.

Romero Castro: Você sai de Curitiba, perto da fábrica da Volvo e vai no sentido Campo Largo...

Vitor Hugo Brandalise: Perto de uma estrada boa, sem tanto movimento, e perto de dois portos: o de Paranaguá e o de Itajaí – não que isso tenha pesado na decisão do Romero de viver ali... mas, praquele outro negócio, é uma baita mão na roda.

Romero Castro: E na hora que eu vi a matéria, "Fechou", falei: "Bem, vou na polícia, né?"

Vitor Hugo Brandalise: Ele foi até o posto policial que ficava mais perto dali e contou o que tinha acontecido...

Romero Castro: Os policiais falaram: "Olha, a gente não pode ir, a gente é policial militar, a gente pode só se for dar um flagrante ou qualquer coisa". Eu falei, falei, falei, insisti. Ele falou: "Ah, vamos lá, de curiosidade". Logo que eles chegaram, assim, que ele viu o ambiente, ele falou: "Olha, dá uma dor no coração imaginar que isso estava aqui tão perto e a gente não deu o flagrante".

Vitor Hugo Brandalise: Os PMs que atenderam essa ocorrência na época já não tão mais lá, no posto da PM do bairro da Ferraria, em Campo Largo. Mas eu falei com o chefe do destacamento, que lembrou da história e confirmou a ida dos policiais até lá.

Romero Castro: Aí, Vitor, ele chegou... então tem o portão grande da frente do galpão e uma portinha lateral onde entrava, assim, uma porta comum... E ali tinha uma parte de terra meio afundada, ele falou: "Está

vendo isso aqui, afundado? É onde eles paravam o caminhão, para trazer matéria-prima e pra levar coisa embora”.

Vitor Hugo Brandalise: O Romero lembrou de uma coisa que o vizinho tinha contado pra ele – que rolava um "movimento de vans" de madrugada no sítio.

Romero Castro: E nós entramos no galpão, e aí o policial começou a falar: “Olha, eles pegavam, punham aqui essa marca no chão, é isso, levavam pra ali...” Ô Vitor, eu tive a sensação, eu quase posso dizer para você que eu via, enquanto ele ia descrevendo, eu via as pessoas andando dentro do galpão e se locomovendo, à medida que ele ia descrevendo o que que acontecia dentro do galpão para a produção. Eu falei: “Vamos lá na casa ver também”, que lá também tem muita corrosão na casa, né? Aí entramos na casa, ele falou: “O pessoal morou aqui?” Eu falei: “Morou a família”. Ele falou: “Não morou família aqui, não. Não morou ninguém”. Eu falei: “Como não?” Ele falou: “Não tem marca de uso de família”. Eu falei: “Mas tem os colchões lá...” “Não, o pessoal dormia, mas residência de família... ninguém nunca morou aqui”.

Vitor Hugo Brandalise: Toda a narrativa que o Romero tinha construído quando ele assinou o contrato de aluguel foi se esfarelando, caindo aos pedaços. Não tinha inquilina bacana, não tinha criança pequena correndo, não tinha cavalinho... não era nada disso.

Depois de construir um enredo completamente diferente na cabeça do Romero, o PM repetiu que eles não podiam registrar a ocorrência porque não tinham dado um flagrante, e eles foram embora.

Agora o Romero estava lá, com o sítio dele todo detonado, prejuízo pra tudo que é lado, e os responsáveis, os antigos inquilinos – os presumíveis traficantes – desaparecidos.

Ele ia ter que dar um tempo no nadismo viajheiro, ia ter que voltar a morar ali por um período... então ele teve que fazer uma reforma pra casa ficar habitável de novo. Mas ele tentou, ao mesmo tempo, preservar ao máximo a "cena do crime" que ele encontrou no galpão, pra quando a perícia chegasse.

E, nisso, os antigos inquilinos... reapareceram.

Romero Castro: Veio o contato. “Romero, olha, a gente precisa acertar, eu já estou aqui na Espanha. Então a gente precisa ver o que tem que fazer na casa e tudo”. E eu comecei a reparar que esse texto, a forma de falar no texto, as palavras usadas ou até o português já estava diferente. Eu falei: “Gente, isso não é ela, que está conversando comigo”.

Vitor Hugo Brandalise: O Romero reparou que as mensagens que estavam chegando estavam mais um “portunhol”.

Romero Castro: Alguma palavra nossa que termina com “ão” era “ón”, sabe?

Vitor Hugo Brandalise: Ele fingiu que nem tinha percebido, e passou a lista de tudo que tinha que consertar no sítio.

Romero Castro: Falei: “Olha, teve muito prejuízo”. Eu fui, relacionei tudo à mão, né?

Vitor Hugo Brandalise: E aí os ex-inquilinos sumiram de novo. Nessa altura, o Romero se viu com duas opções. Ele podia desencanar dessa história e assumir o prejuízo...

Romero Castro: Só para você ter noção, quando eu entrei na minha casa, eu tive que desembolsar só de despesa da casa, para eu entrar, na época eu gastei mais de 40 mil reais só na casa.

Vitor Hugo Brandalise: Ou ele podia fazer o caminho contrário... e partir pra cima.

Romero Castro: Procurei um escritório de advocacia que eu já conhecia. O advogado era o Paulo e duas advogadas mais jovens um pouco, que eram a Adriana e a Alessandra. E nós fizemos a reunião, levei o contrato de aluguel, levei tudo lá. Aí depois de relatar tudo, o Paulo, seus 70 anos, falou: “Romero, eu sou advogado há muitos anos, deixa eu te dar um conselho: isso é gente muito perigosa, isso é criminoso, isso é um risco pra você. Deixa eu te falar: joga no prejuízo. Esquece o que aconteceu na sua casa, joga no prejuízo”.

Vitor Hugo Brandalise: O Romero ouviu o conselho e parou pra pensar...

Romero Castro: Aí eu falei: “Paulo, eles vão pagar”. Aí Adriana falou o seguinte: “É, mas também, pra quem mexe com o que eles mexem, isso é muito pouco”. Aí o Paulo falou: “Pois é, mas eles não mexem

com isso para fazer reforma na casa dos outros. [risos] Eles não mexem com isso pra para pagar reforma na casa dos outros”. [risos]

Vitor Hugo Brandalise: Bom, mas o Romero também não tinha alugado o sítio pra jogar no prejuízo. E era um baita prejuízo. Então ele decidiu que ia enfrentar o risco. E processar os inquilinos. "A quadrilha", como ele passou a chamar a partir daí. Foi só o processo começar a correr, que eles saíram da toca.

Romero Castro: Aí eles fizeram contato pra fazer o acordo.

Vitor Hugo Brandalise: Mas era o Romero falar em resolver judicialmente que os caras – claro – sumiam.

Romero Castro: Eu falei: “Olha, você vai falar com minha advogada, nós acabamos de protocolar uma ação contra vocês. O acordo vai ser feito dentro da ação, que está correndo. Nós não vamos fazer um acordo paralelo, nós vamos fazer um acordo e protocolar, então, dentro da ação”. Esse acordo levou, demorou, sumiram, desapareceram, só foi feito dois anos depois.

Vitor Hugo Brandalise: Eu preciso dizer que eu estava meio chocado com essa história de negociação.

Vitor Hugo Brandalise: Você estava tentando fazer o acordo com quem?

Romero Castro: Eu não sei, era o chefe dela, devia ser... Porque era um texto completamente diferente, palavras espanholas, não era ela.

Vitor Hugo Brandalise: Mas você, na sua cabeça, você sabia com quem você estava tentando fazer um acordo? Não era com uma pessoa física, uma pessoa jurídica qualquer, né? Você estava fazendo um acordo com o quê, como é que a gente vai nomear? Como é que você nomeava isso?

Romero Castro: Com o chefe da quadrilha! Com o chefe da quadrilha.

Vitor Hugo Brandalise: Você estava tranquilo com isso? Não estava com medo?

Romero Castro: Não, não, não, não. Eu tinha preocupações, sim. Eu tinha preocupações quando eu ia pra chácara, sabe? De que alguém – algumas pessoas falavam: “Romero, não vai pra chácara sozinho...”

Vitor Hugo Brandalise: Só que não era só que o Romero estava indo passar uns dias na chácara sozinho. A reforma tinha acabado, e ele ia voltar a morar lá sozinho. Ele ia ter que passar muito tempo sozinho na chácara. Era 2020. Tinha começado a pandemia.

Romero Castro: Bom, eu praticamente não saía de casa. Eu fiquei praticamente recluso, eu ficava lá em casa às vezes cinco dias.

Vitor Hugo Brandalise: Até aí, foi assim pra muita gente.

Vitor Hugo Brandalise: Agora você nessa casa que era casa envidraçada, ali não dava um pouco de medo, quero dizer, também por causa disso, de você estar nessa situação contra uma quadrilha?

Romero Castro: Nada impedia que as pessoas contornassem, até porque eles conheciam muito bem aquele território e deviam ter N planos de fuga se acontecesse qualquer coisa ali, né? Então era um pensamento. Mas, assim: foi uma escolha que eu fiz. Como era pandemia, eu não tinha onde ficar.

Vitor Hugo Brandalise: Nessa mesma época, o Romero viu uma notícia no jornal: a Polícia Federal tinha prendido uma quadrilha de traficantes que atuava no Paraná e em Santa Catarina.

As cidades onde os traficantes foram presos coincidiam: Curitiba, Campo Largo, Balneário Camboriú. E outros detalhes também. Que um dos foragidos tava... na Espanha.

Romero Castro: [Risos] Ou seja, que eram exatamente os inquilinos, que estavam foragidos na Espanha. Eu acho que fala assim: "E ele era o responsável para poder receber e transportar o material". Acho que fala lá que esse cara era o responsável pelo frete.

Vitor Hugo Brandalise: É, de acordo com as investigações, ele se passava por empresário, mas era o responsável pelo recebimento da droga, que era despachada em contêineres". [Risos]

Vitor Hugo Brandalise: Transportes era justamente o trabalho que o marido da inquilina dizia ter. Ele botou no cadastro que era sócio de uma empresa de transportes em Balneário Camboriú, do lado do porto de Itajaí.

Vitor Hugo Brandalise: Você chegou em algum momento a ser procurado no âmbito das operações da PF para ver se a produção que foi feita na sua chácara tinha a ver com essa quadrilha?

Romero Castro: Fiquei esperando que talvez pudesse acontecer, mas também nunca me procuraram. Nem sobre isso e nem sobre a perícia. Nem Polícia Federal, nem Polícia Civil, nada.

Vitor Hugo Brandalise: A perícia não aconteceu, mas... o Romero também não arredou pé no processo contra os antigos inquilinos.

O Romero processou aquelas pessoas – pra ele, uma quadrilha de traficantes – não pelo uso que eles fizeram do sítio. Não pela suspeita de produzir cocaína no galpão. E sim por descumprir o contrato de aluguel.

Romero Castro: Eu não tinha provas. Não tinha absolutamente nada, então a execução toda do contrato, da cobrança em cima do aluguel.

Vitor Hugo Brandalise: Todos os indícios apontavam pra produção de cocaína. Mas convicção não basta pra condenar ninguém, né? E o que o Romero precisava ali era lidar com o prejuízo dele.

Romero Castro: Ficou faltando um aluguel de pagar a rescisão do contrato antes do prazo previsto, uso diverso do que estava previsto, não pagamento da conta de luz. Então tinha uma série de multas e as despesas do custo para consertar a casa e o galpão.

Vitor Hugo Brandalise: E, pra ganhar a ação, o Romero tinha uma carta na manga. Lembra dos resguardos que ele colocou no contrato super detalhado que ele fez, antes de alugar?

Quando os inquilinos assinaram o aluguel, eles tiveram que colocar um imóvel como garantia de que eles iam cumprir as cláusulas todas. E eles colocaram um imóvel – uma casa boa, de dois andares, num bairro de classe média alta de Curitiba. A casa da mãe de uma das pessoas que, pra ele, só podiam ser traficantes.

Eu sei! Parece uma estratégia suicida. Se você tá num filme de narcotráfico, a última coisa que você quer é ameaçar a mãe do traficante. Mas foi o que o Romero fez.

Romero Castro: Então ela entrou na história – "Eu não posso sair daqui que eu não tenho para onde ir".

Vitor Hugo Brandalise: E, na trama desse caso que o Romero criou, deu certo.

Romero Castro: O medo de perder a casa – e aí devem ter falado pro chefe da quadrilha: "Olha, a gente foi, ajudou, deu nome, tudo, e agora nós estamos perdendo a casa sozinho". Porque eles não eram laranja ou testa de ferro, eu tenho certeza. Eles faziam parte da quadrilha. Eles não deram só o nome pra contratar, até por causa de tudo o que a gente vê. As tratativas, o pagamento do aluguel, ela estar presente lá, né? "Olha, nós fizemos, demos o nome, agora eu estou perdendo a casa, entendeu? Entra nessa pra poder fazer qualquer coisa".

Vitor Hugo Brandalise: O Romero ganhou a causa – ele me mandou o processo, eu li.

O caso não chegou a ser julgado, porque depois que a casa da mãe entrou na jogada, os antigos inquilinos aceitaram fazer um acordo na Justiça. A juíza fixou em 168 mil reais o valor pro Romero receber pelos prejuízos no sítio de Campo Largo.

Então, quando a gente pensa em pra onde vai o dinheiro do tráfico... Bom, às vezes pode ser pra isso.

Em todas as conversas que eu tive com o Romero, ele fez de tudo pra me ajudar a reunir informações pra comprovar o que ele tá dizendo.

Ele me mandou documentos do processo, e fotos de tudo o que ele encontrou no sítio – o galpão todo enferrujado, o que sobrou da fogueira – inclusive, tá tudo lá no site da Rádio Novelo.

Depois de ver isso tudo que ele me mandou, eu achei totalmente plausível essa conclusão dele, de quem eram os inquilinos e o uso que eles faziam do sítio dele.

Aliás, um dos inquilinos, o "marido", realmente tem envolvimento com tráfico de drogas. Isso eu comprovei. Em 2023, ele foi preso em flagrante por associação ao tráfico, em Curitiba.

Mas fato é que, apesar de todos os pedidos do Romero pra Polícia Federal, pro Ministério Público Federal e pro Estadual e pro Instituto Ambiental do Paraná, nunca teve uma investigação oficial no sítio. Tem um BO que o Romero fez na Polícia Civil de Campo Largo, e que ele me mandou também. Disseram pra ele que iam fazer uma perícia... mas nunca foram.

E isso deixa esse caso num limbo estranho. Numa versão da história, o Romero bateu de frente com uma quadrilha de traficantes, processou os traficantes, e viveu pra contar.

Numa outra versão da história, o Romero só alugou o sítio dele pra uns inquilinos bem porcos e complicados, que estavam fazendo experimentos científicos misteriosos e acabou tendo que judicializar o caso pra não sair no prejuízo. É um “causo de Schrödinger”.

Duas histórias sobrepostas, coincidindo em vários pontos, cada uma com seu tanto de verossimilhança. Já faz cinco anos que o Romero vive nessa indefinição.

Vitor Hugo Brandalise: O que que houve do sítio, o que que aconteceu lá?

Romero Castro: Anunciei de novo pra alugar.

Vitor Hugo Brandalise: O Romero ficou ainda mais rigoroso depois da experiência anterior, então ele andou barrando uma série de candidatos que ele considerou suspeitos.

Romero Castro: Com certeza o pessoal que tinha ocupado antes passou a informação de que lá era um lugar legal. E aí as pessoas que passaram a procurar para alugar lá dava na cara que era gente que tinha a mesma intenção. Todos mexiam, de alguma forma, ou com automóvel ou com produto químico pra automóvel. Todos os quatro ou cinco que apareceram lá.

Vitor Hugo Brandalise: Nossa, então correu à boca pequena ali...

Romero Castro: Correu à boca pequena. "Vai lá e tenta! Vai lá e tenta!"

Vitor Hugo Brandalise: A tua casa acabou entrando no circuito aí de imóveis ideais para isso.

Romero Castro: É. Wishlist. [Risos]

Vitor Hugo Brandalise: Depois de um tempo, ele até conseguiu alugar o sítio pra uma família que atendeu aos padrões de exigência dele. "Totalmente insuspeita", ele me disse. Mas, além do aluguel e da aposentadoria, ele tem uma outra fonte de renda, caindo todo mês na conta dele.

O acordo com os antigos inquilinos – os suspeitos traficantes – foi que eles vão pagar os 168 mil reais parcelados.

Romero Castro: Tudo em 37 parcelas. 37 parcelas de mais ou menos 4500 cada uma.

Vitor Hugo Brandalise: Então você ainda está recebendo.

Vitor Hugo Brandalise: Eu falei com ele em junho de 2024.

Romero Castro: Recebo a última agora em janeiro.

Vitor Hugo Brandalise: A última parcela cai em janeiro de 2025. Até lá, o Romero vai de novo pra Turquia, pra Grécia, pra Montenegro, pra Polônia...

Romero Castro: Vou pra Polônia, aí vou pra outros lugares.

Vitor Hugo Brandalise: Segue a itinerância. E o dinheiro da chefia lá da quadrilha pingando, né? Até janeiro.

Romero Castro: É, ajuda a manter, ajuda a manter até janeiro. [Risos]

Branca Vianna: Essa história foi produzida pelo Vitor Hugo Brandalise.

O segundo ato do episódio de hoje se passa entre o oeste dos Estados Unidos e o centro-oeste do Brasil.

Quem promoveu esse casamento foi a Flora Thomson-DeVeaux.

ATO 2 - TERRA PROMETIDA

Flora Thomson-DeVeaux: Normalmente, eu não gosto do grande gênero que é: “histórias de gringos que, por algum motivo ou outro, passaram pelo Brasil”. Porque na maior parte das vezes, essas histórias não têm nada demais – é só o frisson da “gringuce” passageira. E eu, enquanto gringa, posso dizer com propriedade que gringos nem são tão interessantes assim.

Mas outro dia eu ouvi uma história que com certeza se encaixa nesse gênero, e ela me ganhou.

Matheus Pestana: Isso é super a história que eu conto em mesa de bar, assim, tipo: "Vocês sabiam?" [Ri]

Flora Thomson-DeVeaux: Essa história começa na era de ouro de Hollywood. Mas peraí que a gente já chega lá. Primeiro, o Matheus.

Matheus Pestana: Meu nome é Matheus Pestana, eu tenho 24 anos, eu sou de Goiânia...

Flora Thomson-DeVeaux: O Matheus é apaixonado por cinema desde sempre.

Matheus Pestana: Eu sempre, sempre, sempre gostei de cinema, muito de cinema clássico americano. E aí, na locadora do meu bairro, em Goiânia, no meu bairro, não, no meu setor – temos bairros, temos setores... Em Negrão de Lima, eu ia muito na locadora...

Flora Thomson-DeVeaux: A dona dessa locadora se chamava Márcia.

Matheus Pestana: Não faço ideia do paradeiro dela.

Flora Thomson-DeVeaux: E a Márcia estimulou essa cinefilia nascente do Matheus.

Matheus Pestana: Eu adorava alugar filme de terror, e ela ficava me incentivando a alugar clássico, assim. Ela nem cobrava. Ela só me entregava um DVD de, sei lá, "Guerra e Paz" ou "Doutor Jivago". Assisti a "Doutor Jivago" porque a Márcia me entregou...

Flora Thomson-DeVeaux: Esses filmes iam abrindo os horizontes do Matheus. Mas essa formação da Márcia não parava no empréstimo de DVDs. Junto com os filmes, ela acabava sempre brindando o Matheus com histórias.

Matheus Pestana: Ela falava: “Olha, a gente já teve algumas estrelas de Hollywood aqui em Goiás”.

Flora Thomson-DeVeaux: O Matheus ficou: “Como assim?” E a Márcia foi catando uns filmes da prateleira e apontando pras estrelas na capa. “Essa já teve aqui... essa morou aqui perto um bom tempo...”

Matheus Pestana: Janet Gaynor, e ela falava: "Essa daqui a Janet Gaynor, ela já esteve aqui".

Flora Thomson-DeVeaux: Já, já a gente chega na Janet Gaynor. Mas o negócio é que essa história estava soando tão verídica quanto as tramas dos filmes que o Matheus estava assistindo. Um pouco menos, até. Essa mistura de Hollywood com Goiás não entrava na cabeça dele. As duas coisas pareciam quase antagônicas.

Matheus Pestana: Quando você é de Goiânia e de sei lá, qualquer outro estado que seja perto de São Paulo e Rio de Janeiro, cinema é uma coisa que a gente fica observando acontecer de fora.

Flora Thomson-DeVeaux: Tanto é que, quando o Matheus cresceu, e decidiu que ele queria trabalhar com cinema, ele saiu de Goiás.

Hoje em dia ele é produtor cultural, trabalha em várias mostras de cinema, e tem até uma ONG que restaura e digitaliza filmes brasileiros – a Cinelimite, que já apareceu por aqui no Rádio Novelo Apresenta.

Mas, bom, em algum momento, ele lembrou daquela história que ele tinha ouvido da Márcia, lá na locadora do setor Negrão de Lima. Pensou: "Não custa fuçar um pouco, né, pra ver qual é a dessa história..." E foi aí que o Matheus descobriu um documentário de 2011 chamado "Hollywood no Cerrado", do Armando Bulcão e da Tânia Montoro. Esse filme tá no Vime... O link tá lá no site da Novelo.

E foi por causa desse documentário que o Matheus conheceu o Jairo – que foi quem fez a pesquisa pro filme.

Jairo Alves Leite: Meu nome é Jairo Alves Leite...

Flora Thomson-DeVeaux: Acontece que o Jairo estava ouvindo essa história de estrelas de Hollywood em Goiás muito antes do Matheus.

Jairo Alves Leite: Então, eu nasci numa cidade chamada Jaraguá.

Flora Thomson-DeVeaux: Quando o Jairo era criança, nos anos 70, ele ia passar férias na casa dos tios dele, em Anápolis. E ele lembra de tá assistindo TV com os primos – um seriado americano – e o primo apontar pra TV e falar assim:

Jairo Alves Leite: "Está vendo esse ator aí? Eu já vi ele aqui em Anápolis".

Flora Thomson-DeVeaux: De novo: meio surreal, né? E o Jairo fez a mesma coisa que o Matheus: ele guardou essa história em algum escaninho da cabeça dele.

Mais tarde, ele acabou se mudando pra Anápolis e trabalhando na prefeitura. E, lá por 2005, ele foi chamado pra assumir o museu histórico da cidade. E foi lá que o Jairo virou um anapolinólogo – um especialista nas histórias de Anápolis.

Jairo Alves Leite: Eu trabalho também a imigração polonesa europeia, período de guerra, e estou trabalhando bastante o resgate da memória da ferrovia aqui em Anápolis. E as atrizes norte-americanas é o meu xodó.

Flora Thomson-DeVeaux: As atrizes norte-americanas em Goiás. Era isso que interessava ao Matheus. Ele escreveu pro Jairo pra ver se ele conseguia entender melhor essa história.

Matheus Pestana: "Eu queria muito entender o que aconteceu, tem como a gente conversar?" E aí ele falou: "Tem, vem aqui para Anápolis". [ri]

Flora Thomson-DeVeaux: Agora a gente está chegando na história que o Matheus conta em mesa de bar. Mas antes eu preciso te apresentar as tais atrizes norte-americanas.

Agora, sim, vamos à Janet Gaynor, a primeira atriz aqui dessa história.

Matheus Pestana: A Janet Gaynor, ela foi a primeira vencedora do Oscar...

Flora Thomson-DeVeaux: Pois é, a Janet Gaynor venceu o primeiríssimo Oscar de melhor atriz, em 1929. E, naquela época, o prêmio ainda não era anual. Então ela

ganhou meio que pelo conjunto da obra – por três filmes diferentes que ela tinha feito um pouco antes.

Matheus Pestana: E aí eu comecei a assistir todos os filmes dela, e ela é incrível. A primeira versão de "A Star is Born", que depois foi regravado com a Barbra Streisand. E novamente pela Lady Gaga. Foi ela, assim, a primeira versão.

Flora Thomson-DeVeaux: Nos anos 30, filme com a Janet era sucesso garantido de bilheteria nos Estados Unidos. E o público se interessava pela vida pessoal dela quase tanto quanto pelos filmes...

Matheus Pestana: Ela vivia um casamento superinteressante com um estilista notoriamente conhecido como gay.

Flora Thomson-DeVeaux: Esse estilista era o Gilbert Adrian, ou só Adrian, e ele trabalhava com as maiores estrelas da época, e nos maiores filmes.

Matheus Pestana: A gente está falando da pessoa que vestia todo mundo em Old Hollywood.

Flora Thomson-DeVeaux: Sabe os sapatinhos cor de rubi da Dorothy, no "Mágico de Oz"? O Adrian que fez. E sim, ele era abertamente gay, ou tão abertamente quanto era possível naquela época.

Sobre a Janet se sabe menos – mas parece que esse arranjo funcionava pra eles. Esse tipo de casamento, aliás, era até meio comum. Era conhecido como "lavender marriage".

Matheus Pestana: Que eram esses casamentos entre figuras de "*old Hollywood*" que eram LGBT.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas, bom, então a Janet e o Adrian, esse casal moderníssimo, eram celebridades de primeira ordem.

Matheus Pestana: Eles frequentavam a casa da Joan Crawford, eles conheciam muito bem a Bette Davis, a Katharine Hepburn... Então eles estavam ali com a nata.

Flora Thomson-DeVeaux: E uma das melhores amigas da Janet era a Mary Martin. Aliás, rolavam uns boatos também sobre a natureza dessa amizade...

Matheus Pestana: Já Mary Martin, ela é uma dessas figuras icônicas de teatro e cinema. Eles fizeram uma exibição na televisão da montagem dela de Peter Pan e foi tipo um recorde de audiência daquele ano.

Mary Martin: I won't grow up... I don't want to go to school...

Flora Thomson-DeVeaux: Pois é, a Mary ficou bem famosa interpretando o Peter Pan, o menino que não queria crescer.

Eu lembro de ver essa montagem quando eu era criança, e de estranhar, no começo, uma mulher de quarenta anos fazendo esse papel... mas de ter me convencido de que ela era o Peter Pan rapidinho.

A Mary virou uma lenda viva da Broadway nos anos 50. Ela foi a primeira a fazer o papel da Maria von Trapp, da Noviça Rebelde.

Mary Martin: The hills are alive with the sound of music...

Flora Thomson-DeVeaux: Ou seja: mesmo se você nunca ouviu falar na Janet e na Mary, elas eram alguéms na fila do pão. E, bem nessa época, elas foram parar... no miolão goiano. E não é que elas só foram de passagem. Elas moraram no miolão goiano.

A primeira coisa que o Jairo falou pro Matheus, naquela conversa que eles tiveram, é que uma parte dessa história já tinha sido contada num livro.

Matheus Pestana: É um livro muito difícil de achar, eu considero raro, é raro até aqui pra Anápolis, onde foi publicado...

Flora Thomson-DeVeaux: Mas o Jairo tinha conseguido achar. O livro se chama "Promised Land" – e já foi traduzido pro português como "Terra da Promissão" ou "Terra Prometida". E a autora desse livro tinha sido a responsável por trazer um pedacinho de Hollywood pra Goiás.

Matheus Pestana: Jairo me mostra o livro da "Terra Prometida", e ele fala: "Olha, quem começou essa história foi Joan Lowell".

Jairo Alves Leite: A Joan Lowell foi a primeira a vir para Anápolis.

Flora Thomson-DeVeaux: Joan Lowell. Olha, mesmo que você seja um super cinéfilo e já tenha ouvido falar na Janet Gaynor e na Mary Martin, eu acho difícil você conhecer a Joan Lowell. Ela foi atriz também, mas não só.

Matheus Pestana: A Joan Lowell é uma escritora. Antes de tudo, ela é uma escritora.

Flora Thomson-DeVeaux: Lá em 1935 – que dá pra dizer que é quando essa história começa – a Joan já era uma escritora famosa nos Estados Unidos. Ela tinha estourado com um livro de memórias alguns anos antes, virado best seller, mesmo.

Matheus Pestana: Em um período da vida meio estranho ela decide embarcar num navio que o destino final era Buenos Aires. Mas ela para em Santos. E ela para em Santos porque no meio do caminho ela se apaixona pelo capitão, o Leek Bowen.

Flora Thomson-DeVeaux: O Leek Bowen estava com uma ideia fixa. Ele tinha o sonho de desbravar uma nova fronteira em algum canto do mundo... e ele sentia que o Brasil era o lugar perfeito pra isso. Sim, tinha gente levando essa história de neocolonialismo num esquema "faça você mesmo"...

E, bom, a Joan botou uma pilha pra ele ir, mesmo, seguir o sonho dele. E aí ele diz que ele só não tinha feito isso ainda porque nenhuma mulher ia topar essa aventura com ele... quer dizer: plantando uma pulguinha atrás da orelha da Joan.

Mas aí, quando eles já estavam perto da costa brasileira, ele veio com uma proposta: "Tá vendo onde essa montanha encontra a praia? Não tem nada ali, só mata. Se você conseguir morar ali uns três meses, a gente pode ir desbravar nossa fronteira". Só pra deixar claro: era pra ela ir sozinha. O capitão não ia embarcar nessa primeira missão.

Matheus Pestana: "Eu tenho que terminar essa viagem, eu tenho que voltar e tem que servir mais alguns meses ali nos Estados Unidos".

Flora Thomson-DeVeaux: Parecia um desafio, pra ver se ela aguentava o tranco, se ela era a mulher que ele estava procurando pra embarcar nessa missão colonizadora dele. E a Joan, que não estava fazendo nada mesmo, topou. Ela desceu do navio, comprou um pedaço de terra na Praia Grande, litoral de São Paulo, contratou ajuda pra fazer uma cabana ali na beira da mata, e foi se virando.

Matheus Pestana: Então ela fica lá. Ela fica numa cabana em Praia Grande durante um ano.

Flora Thomson-DeVeaux: Tudo isso está contado na primeira parte daquele livro, "Promised Land", que a Joan escreveu uns 15 anos mais tarde.

A Joan foi aprendendo português, cultivando orquídeas, e sobrevivendo ali, com a ajuda de uma família local. Passam-se um, dois, três meses... Ela tá cumprindo a parte dela da missão, do desafio, e nada do capitão Leek Bowen voltar.

Matheus Pestana: Ela fica um tempo sem notícia dele e acaba achando que ele não ia voltar.

Flora Thomson-DeVeaux: Depois de um ano, a Joan já estava quase desistindo... E aí o Leek Bowen volta, cumpre a palavra dele. E, em pouco tempo, eles arrumam uma fronteira pra desbravar. Partiu parte 2 daquele plano gestado no convés do navio...

Jairo Alves Leite: Era uma companhia que convidou o casal para ir lá para essa região do Vale de São Patrício. Próximo à cidade de Jaraguá, onde eu nasci.

Flora Thomson-DeVeaux: Vale de São Patrício, Goiás. Quer dizer, essa missão colonizadora da Joan e do capitão Leek Bowen, essa "marcha pra oeste" particular, era na verdade uma "marcha pro centro-oeste", né?

E só a existência dessa companhia querendo mandar gente pra lá já dá a entender que essa ideia do capitão não era lá muito original... Mas, bom, essa companhia tinha a propriedade de terras imensas nessa região, mas não tinha estrada, então não dava nem pra chegar lá de carro, nem tinha como escoar alguma futura produção agropecuária...

Matheus Pestana: Falam: "Olha, se vocês forem para esse local específico em Goiás, construirão uma estrada, a gente dá um pedaço de terra".

Flora Thomson-DeVeaux: Essa companhia, esses fazendeiros, eles estavam dispostos a abrir mão de um pedaço da terra em troca de que alguém fizesse o trabalho de abrir o caminho pra eles. Sim, eles podiam ter contratado mão-de-obra

local pra isso, mas... por que não mandar uns gringos aleatórios nessa missão, né? E esse era exatamente o tipo de desafio que o capitão estava querendo.

Matheus Pestana: E eles partem pra Goiás. Aí é esse o período que a Joan passa a registrar o livro dela.

Flora Thomson-DeVeaux: Lá foram a Joan Lowell e o capitão Leek Bowen até Anápolis, pra daí, chegando lá, começar a abrir a estrada, rasgar centenas de quilômetros de mata, pra poder chegar na terra que eles queriam receber.

Jairo Alves Leite: Eles vêm, conseguem, sem máquina, contratando peão para abrir estrada à mão, mesmo, com ferramentas.

Flora Thomson-DeVeaux: Foram meses de trabalho duro, doença, ameaças de morte, e outros acidentes de percurso. Trabalho duro principalmente da parte dos peões, né, mas, segundo a Joan, ela e o capitão suaram a camisa também.

Lógico que era muito mais difícil e menos romântico do que eles estavam imaginando... e, pra piorar, no meio do caminho, quando eles já estavam sem dinheiro e desesperados, a Joan e o capitão descobriram que o Getúlio Vargas tinha resolvido “estatizar” a “marcha para o oeste”. Quer dizer: o governo federal tinha lançado uma grande campanha justamente pra abrir estradas e povoar o Centro-Oeste.

E aí, com isso, aquela terra no Vale de São Patrício tinha se valorizado, e a empresa dona daquelas terras tinha aproveitado a oportunidade pra vender tudo – inclusive o pedaço que eles tinham prometido pra Joan Lowell e pro capitão.

Quem apareceu pra salvar o casal americano foi o Bernardo Sayão, que tava acompanhando as obras do projeto do Getúlio e intermediou a doação de um terreno pra eles, em reconhecimento pelos serviços da estrada. E foi assim que a Joan e o capitão ganharam uma fazenda na região de Anápolis.

O casal batizou a fazenda de “The Anchorage” – o ancoradouro.

Um final feliz nesse faroeste brasileiro. Quer dizer: final feliz pros americanos, né, porque não se tem notícia de que os peões que eles contrataram pra abrir a estrada conseguiram também um pedacinho de Goiás pra eles.

Bom, tudo isso acontece no final dos anos 30, começo dos anos 40. A Joan publicou o livro dela contando essa história toda, "The Promised Land", "Terra Prometida", em 1952. E, dois anos depois, rolou uma mostra de cinema em São Paulo, patrocinada pelo governo brasileiro.

Matheus Pestana: E Janet Gaynor vem, e ela recebe um telegrama da Joan Lowell falando de Goiás.

Flora Thomson-DeVeaux: Ainda tem isso. Falei, né – além de escritora, a Joan era atriz, e ela atuou muito nos anos 20, na mesma época que a Janet. Ela chegou a fazer até um filme com o Charles Chaplin, o "Em Busca do Ouro". (Pois é.)

Mas era dali que a Joan e a Janet se conheciam. E, enfim, a Joan fica sabendo que a Janet tá em São Paulo, e resolve chamar ela pra passar lá na casa dela em Goiás... A Janet acha bem doido, mas topa o convite de jantar a mil quilômetros de distância.

(Essa história é cheia de gente topando convites inusitados...)

Matheus Pestana: Ela vai e se apaixona. E aí é uma coisa que é muito misteriosa para mim. Assim, por que ela se apaixonou? Por que todas essas pessoas se apaixonaram por Anápolis, por uma terra rural, por uma terra... assim, gente, não tinha teatro, não tinha cinema, não tinha nada. Era realmente paz. E talvez fosse isso mesmo que essas pessoas estivessem buscando: paz lá no meio de uma cidadezinha no estado de Goiás. Acho isso muito engraçado.

Flora Thomson-DeVeaux: É assim mesmo, né? O Matheus ali sonhando com Hollywood, as divas de Hollywood sonhando com Anápolis... Mas, bom, a Joan intermediou a compra de um pedaço de terra pra Janet e pro Adrian, e eles construíram uma casa.

Eles queriam que tivesse todos os confortos, menos um: não podia ter linha de telefone. Pelo jeito era sossego que eles estavam querendo, mesmo.

E aí, passa um tempinho, 1955, a Mary Martin – aquela atriz do Peter Pan – tá passando pela América do Sul... a Janet fica sabendo... e manda um telegrama.

De novo, não sei que poderes de convencimento que esse povo tinha, porque eu enrolo até pra ir até a esquina pra tomar uma cerveja com os meus amigos – mas a Mary pega um aviãozinho e toca pra Anápolis.

Matheus Pestana: E ela é outra pessoa que se apaixona perdidamente por Goiás.

Flora Thomson-DeVeaux: Outra pessoa que vai pra Goiás e fica.

Matheus Pestana: Agora tem três casas de três personagens americanas em Goiás. A fazenda "The Anchorage" da Joan Lowell, uma fazenda modernista linda da Janet Gaynor com Gilbert Adrian, e uma mansão da Mary Martin. É de fato uma mansão com esculturas gregas, com um jardimzinho japonês assim meio feng shui. Era uma coisa gigantesca, assim, a casa dela.

Flora Thomson-DeVeaux: Nessa altura do campeonato, a gente começa a desconfiar que a Joan Lowell tinha era bolado essa trama toda.

Matheus Pestana: A intenção dela em publicar "A Terra Prometida", que foi uma publicação feita nos Estados Unidos e depois aqui, era tentar trazer mais gente da Old Hollywood para Goiás, pra tentar vender mais terrenos.

Flora Thomson-DeVeaux: A Joan tinha um motivo bem prosaico pra isso. Trazendo estrelas de Hollywood pra Anápolis, ela ia conseguir hypar o pedaço dela. E ela ia conseguir ganhar umas comissões grandonas nas vendas.

Jairo Alves Leite: Ela não vendeu só para essas três atrizes. Ela vendeu para vários norte-americanos.

Flora Thomson-DeVeaux: Nem o Jairo, nem o Matheus, nem eu conseguimos comprovação disso, mas o que se diz é que a Joan teria vendido terrenos pro Cary Grant, pra Claudette Colbert... ela teria feito o pitch dela pro Clark Gable – de "O Vento Levou" –, pra Janet Leigh – de "Psicose" –, e até prum ator de filme água com açúcar chamado Ronald Reagan. (Pois é, bem antes de virar presidente dos Estados Unidos, o Reagan teve essa chance de fazer parte da história goiana.)

Matheus Pestana: Então ela chega a abrir uma corretora em Anápolis.

Flora Thomson-DeVeaux: Uma corretora que se chamava, aliás, “Terra da Promissão”. Anápolis estava prestes a virar a nova Los Angeles. E não era só com a circulação de atores nas ruas – ou nas estradas – mas também com o plano de rodar filmes ali mesmo.

Jairo Alves Leite: A Joan Lowell queria fazer do livro dela, A Terra Prometida, um filme, e esse filme é quem ia fazer o papel dela era Joan Crawford.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas assim, se você for cinéfilo de verdade, você já deve tá desconfiando que esse filme não foi pra frente. Porque um filme da Joan Crawford comandando a abertura de uma estrada pelas florestas de Goiás obviamente ia ser um clássico instantâneo, pro bem ou pro mal.

Matheus Pestana: Só que... aí que a história se complica.

Flora Thomson-DeVeaux: Pois é. Bem no auge desse sonho de febre, tudo desmoronou.

Matheus Pestana: E aí nesse momento, é um momento da história que fica tudo meio nebuloso. O que aconteceu? Quem denunciou?

Flora Thomson-DeVeaux: Parece que alguns contratos de terras – terras prometidas – esses contratos tinham... problemas. E essa história vem à tona.

Matheus Pestana: E essas terras não pertenciam nem a Joan Lowell, nem a quem ela dizia que essas terras pertenciam. Então estava tudo, todas as fazendas irregulares. E a Joan Lowell é presa.

Flora Thomson-DeVeaux: Parece que metade de Anápolis foi visitar a Joan – a dona Joana, como ela era conhecida – na prisão. E a outra metade estava querendo a cabeça dela. Quando acontece uma coisa dessas, as pessoas começam a duvidar de tudo, né?

Teve gente dizendo que ela e o capitão nem tinham aberto aquela estrada, que já tinha caminho ali desde os anos 1920.

Jairo Alves Leite: Eu acho que já tinha um caminho sim, precário, talvez de carro, de boi, de tropeiros, alguma coisa assim já tinha.

Flora Thomson-DeVeaux: O Jairo acha que até podia ter uns trechos de caminhos precários, mas que a Joan e o capitão, no mínimo, devem ter melhorado e ampliado essa estrada.

Quanto às acusações que levaram à prisão dela, ele acha que teve um pouco de exagero também. O que levou ela até a cadeia, afinal, não foi nenhuma grande denúncia – foram uns cheques sem fundo.

Jairo Alves Leite: Eu vejo que ela colocou as pernas, deu um passo maior, vamos dizer assim, em termos de financeiro e acabou se endividando. Eu não estou falando que ela é santa, não estou falando que ela é uma pessoa idônea e tal.

Flora Thomson-DeVeaux: Mesmo que todos os contratos não fossem irregulares, mesmo que nem todos os cheques fossem sem fundo, a Joan Lowell já não parecia ser de confiança.

Teve gente duvidando até que de ela era americana mesmo. E, justamente nesse momento, a imprensa brasileira começou a puxar a capivara da Joan.

Matheus Pestana: E a gente vê que é uma história de uma vigarista de primeira.

Flora Thomson-DeVeaux: Segura aqui que a gente precisa voltar rapidinho pra Califórnia dos anos 20.

A Joan é uma jovem atriz que tá conseguindo uns poucos papéis – ela chega a fazer uma ponta nesse filme do Chaplin, que eu falei, mas a carreira dela não tá engrenando. E é aí que ela escreve o primeiro livro dela.

O livro se chama “Cradle of the Deep” – e nunca chegou a ser traduzido por aqui, mas daria pra chamar de “Meu Berço foi o Mar”. E, nesse livro, a Joan conta que ela passou os primeiros dezesseis anos de vida dela em alto mar, sendo criada pelo pai, que era capitão. O autorretrato dela nesse livro é o de uma menininha que cresceu cuspiendo e xingando os marinheiros de igual pra igual.

Matheus Pestana: Ela dizia ter tido essa grande aventura crescida no mar, nunca ter ido pra escola, sobrevivido um naufrágio...

Flora Thomson-DeVeaux: O clímax do livro é quando o navio do pai da Joan pega fogo na baía de Sydney, e ela tem que nadar até o litoral no meio da noite com uma ninhada de filhotes de gato agarrada nas costas dela. Dramático.

"Cradle of the Deep" foi um estouro imediato, vendeu milhares de cópias... e aí, em poucos meses, tudo começou a desmoronar. Surgiram ex-colegas de escola da Joan, falando que ela tinha frequentado, sim, a escola, ali na cidade de Berkeley.

O pai dela era, sim, capitão de navio – mas o navio que supostamente teria naufragado lá na Austrália estava ali inteirinho, ancorado no porto de Oakland, na Califórnia. Num primeiro momento, a Joan se defendeu. Mas as provas continuaram se acumulando. O livro continuou vendendo bastante – ele só pulou da lista de não-ficção pra lista de ficção.

Matheus Pestana: Ela é uma grande contadora de histórias.

Flora Thomson-DeVeaux: A Joan deu uma sumida durante um tempo, e depois se reinventou como jornalista investigativa. Sim, um trabalho perfeito pra alguém com pouco apego pelos fatos. Ela trabalhou um tempo na rádio... E aí, em 1934, saiu o filme da vida dela: "Adventure Girl".

Adventure Girl: Trombetas de abertura

Flora Thomson-DeVeaux: Agora sim. Acho que eu nunca tinha visto um filme que nem "Adventure Girl".

Em 1933, a Joan, o pai dela, e uma pequena tripulação partiram de Nova York num veleiro pra circunavegar o mundo em cinco anos. Isso é verdade, saiu até no New York Times.

E o que também saiu no New York Times é que, em dois meses, deu tanto problema que eles desistiram e voltaram pra Nova York.

"Adventure Girl" é como se fosse um documentário dessa viagem. Digo "como se fosse" porque ele é filmado tipo documentário mesmo, com a câmera acompanhando a Joan e o pai dela por furacões, viajando selva adentro, sendo

perseguidos e tal – mas obviamente nada disso seria possível com as câmeras daquela época.

Então "Adventure Girl" é um simulacro de um documentário. Ele fica bem próximo do que a gente chama de *mockumentary* – aqueles documentários cômicos fake, que nem The Office.

As filmagens são silenciosas, mas elas são pontuadas com efeitos sonoros e trilha – e o filme todo tem uma narração da própria Joan.

***Joan Lowell:** So we left New York, waved goodbye to Miss Liberty and America, bound down to Rio and the Spanish Main, ready to take what came, storm and gale, sunshine and starlight. Best of all, adventure.*

Flora Thomson-DeVeaux: Resumindo bem rapidinho: no filme a Joan encontra um mapa do tesouro dentro de um navio espanhol naufragado que mostra a localização de uma esmeralda gigante. Ela vai atrás dessa pedra preciosa nas selvas da Guatemala e quase morre queimada pelos nativos. Isso porque a tal pedra preciosa seria, na verdade, um objeto sagrado.

***Joan Lowell:** "You have betrayed us. Therefore you shall be burned alive, for desecrating the idol of our ancestors".*

Flora Thomson-DeVeaux: Mesmo com a sentença de morte decretada, a Joan e o resto da tripulação conseguem escapar – sem a esmeralda, mas vivos.

***Joan Lowell:** So we sailed away without my great square emerald. Anyhow, what real sailor girl cares about green emeralds when she could be sailing on the green seas?*

Flora Thomson-DeVeaux: O mais engraçado é que – pelo menos vendo com os olhos de hoje – a Joan quase parece a vilã do filme.

Ela mente pruma princesa indígena guatemalteca pra conseguir chegar no templo onde tá a esmeralda, ela destrói uma parte do templo no processo, e ela acaba saindo no soco com a princesa.

Eu fiquei com a impressão de que, em "Adventure Girl", é como se a Joan fosse a Indiana Jones... mas é como se o filme fosse filmado do ponto de vista dos inimigos da Indiana Jones.

***Joan Lowell:** Up the Río Dulce, the sweet river, there still lies a great square emerald so big and so green, men die looking at its beauty. I hadn't looked at its beauty. But I had looked on death, and I had enough of natives and jungle and death.*

Flora Thomson-DeVeaux: A melhor parte é que em português, esse filme se chama "A Aventureira".

Matheus Pestana: E o filme é um fiasco. É um filme terrível, é muito ruim.

Flora Thomson-DeVeaux: A Joan acabou processando a produtora do filme por achar que ela recebeu pouco dos lucros – e eles processaram ela de volta, dizendo que a "atuação inexperta" dela tinha prejudicado a bilheteria. A título de indenização, eles pediram 300 mil dólares.

Matheus Pestana: Eu não sei como seria a conversão para hoje, mas assim, eu imagino que seja um valor milionário hoje em dia. E é nesse exato momento que esse processo está acontecendo que ela entra num navio [ri] rumo a Buenos Aires.

Flora Thomson-DeVeaux: E foi aí que começou a aventura brasileira da Joan.

Matheus Pestana: Me parece até um pouco Ripley, sabe?

Flora Thomson-DeVeaux: Sabe o "Talento Ripley", da Patricia Highsmith? Se você não viu, tá mais uma recomendação de livro barra filme barra série.

Sem querer dar spoiler, Matheus não tá acusando a Joan de ter matado ou roubado a identidade de ninguém.

Matheus Pestana: Mas essa coisa de tipo, acontece uma coisa ali, ela faz alguma coisa de errada, e aí ela consegue mudar de cidade [ri] e ela sempre muda de cidade se vendendo muito bem. Então ela é sempre essa aventureira, escritora, atriz de Hollywood que atuou com Chaplin... Best seller... Mas ela não para de causar onde ela tenta recomendar.

Flora Thomson-DeVeaux: A Joan podia até tentar ser “low profile”, se meter no miolo de Goiás, mas ela não conseguia.

Matheus Pestana: A revista Time vai lá para para Goiás fazer uma sessão de fotos com Dimitri Cassel, que é um fotógrafo espetacular. Poxa, a Time foi ali em Anápolis, tipo, por que toda essa galera estava em Anápolis? Isso que não sai da minha cabeça, assim como que tudo isso aconteceu aqui do meu lado?

Flora Thomson-DeVeaux: Isso que sempre acaba pegando pro Matheus.

Matheus Pestana: O cinema para mim sempre foi uma fuga, assim.

Flora Thomson-DeVeaux: O Matheus lembrava do tanto que ele tinha desejado sair de Goiás pra viver o cinema... e aí, descobrir que, algumas décadas antes, tinha estrelas de Hollywood – e uma loroteira de marca maior – fugindo pra terra dele... tudo isso mexeu com ele.

Matheus Pestana: Ali era interessante para eles. Sabe, por que não é interessante para mim? E é aí eu acho que acabei me apaixonando pelo local de onde eu sou. Por conta dessa história.

Flora Thomson-DeVeaux: O Matheus acabou entrando tanto nessa história que ele se meteu a retraduzir o livro da Joan, pra editora Ercolano.

Matheus Pestana: Eu acho "A Terra Prometida", apesar de ser um livro que deve ser uma grande mentira... lindo. E eu acho que eu passei a olhar diferente para a terra de onde venho depois de ter lido o "Terra Prometida". Eu passei a ter um olhar mais carinhoso por Goiás, certamente.

Flora Thomson-DeVeaux: Tem muita coisa que o Matheus duvida que tenha acontecido – que ele considera tipo história de pescador.

Mas história de pescador tem seu valor, né? É gostoso de ouvir.

Matheus Pestana: Ela é uma mentirosa de classe A, divertida, boa narradora e multifacetada – artista multifacetada, estava no cinema, escreve, investiga, é jornalista... Eu quero ser assim também.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas tem um quê de verdade na história da Joan também.

Matheus Pestana: É uma dessas histórias que a gente adora ouvir, de vigarista. Mas não só. É uma vigarista exploradora que vai para o mato, vai aprender uma nova língua, vai dormir em terra de chão batido, vai fugir de um processo, vai desbravar uma estrada...

Flora Thomson-DeVeaux: Tem uma hora que ela fala, numa dessas entrevistas, que "as pessoas sempre falaram que minhas histórias eram ficcionalizadas, mas é porque elas não acreditavam que uma mulher pudesse ter vivido tudo que eu vivi."

Matheus Pestana: Isso é um fato. Será que ela viveu tudo isso mesmo? A gente não tem como saber. Porque quem conta a história dela é ela mesma. Eu acho isso muito lindo. Não tem ninguém que conta a história dela que não fosse ela.

Jairo Alves Leite: Tem gente que coloca como se fosse – "Ah, ela mentiu em tudo". Eu não vejo bem assim. Eu acho que ela floreu um pouco, sim, em muita coisa, mas não demasiadamente, né?

Flora Thomson-DeVeaux: O Jairo chegou a organizar uma exposição sobre a história dessas atrizes em Goiás chamada "Anápolis Conquista a América".

Jairo Alves Leite: Nós estamos no meio de duas capitais, Goiânia e Brasília. Ajudou a construir Goiânia, ajudou a construir Brasília.

Flora Thomson-DeVeaux: Não dá pra dissociar a história da Joan, o sonho de um hollywood goiano, desse momento da construção de Brasília. Na verdade, isso é bem literal. Numa noite, o Jairo estava vendo um documentário sobre a construção da nova capital, ele já não lembra qual...

Jairo Alves Leite: Eu estava assistindo com a minha esposa, aí eu falei: "Ah lá a Joan Lowell!"

Flora Thomson-DeVeaux: Talvez, nessa altura do campeonato, você esteja desconfiado de que o Jairo vê a Joan em todos os lugares. Mas eu fui conferir. Essa cena é de um pequeno documentário norte-americano de 1960 – por isso que Brasília tá sendo inaugurada ao som de castanholas. (Perdão, o meu povo não sabe o que faz.)

Brasilia City Of Hope: Now, after a frantic-paced four years of building, President Kubitschek could move the government from Rio de Janeiro to Brasília.

Flora Thomson-DeVeaux: Bem nessa hora, a filmagem mostra o Juscelino descendo a rampa do Palácio do Planalto em meio a uma multidão extasiada, ele meio até com dificuldade de andar, gente dando tapa de parabéns nas costas dele... E juro por Deus que ele tá de braço dado com a Joan.

Jairo Alves Leite: Ele está vindo, e ela ali, abraçando ele assim, meio desengonçada, sabe? É muito engraçado, é muito engraçado mesmo.

Flora Thomson-DeVeaux: O último capítulo da vida da Joan se passou justamente em Brasília. Quando ela foi solta da cadeia, ela foi embora pra lá, deixando a terra prometida de Anápolis pra trás. E, em 1961, ela ficou viúva. O capitão morreu atropelado numa das estradas novinhas em folha da nova capital.

Na época, a Joan estava escrevendo crônicas pra um jornal de Brasília, perfis de personalidades pioneiras ali do Centro-Oeste. E ela dedicou um deles ao Leek Bowen. Tem um trecho que diz assim:

“Sua vida foi-me roubada no asfalto que representa o progresso que sonhamos para Goiás”.

A Joan construiu uma nova vida na nova capital. Dizem que ela era imbatível nos concursos de fantasia no Carnaval brasiliense. E, em 1962, já aos quase sessenta anos, ela saiu pra mais uma aventura.

Matheus Pestana: É uma aventura espetacular, mas registrada por outras duas pessoas que estavam com ela, então tudo aquilo ali aconteceu de fato.

Flora Thomson-DeVeaux: Essa aventura foi uma reportagem pra revista O Cruzeiro, cuja pauta era atravessar a estrada Belém-Brasília. A Joan embarcou nessa com uma jornalista e fotógrafa francesa e com uma radialista brasileira.

Matheus Pestana: Então são três mulheres numa Kombi cruzando a estrada Belém-Brasília.

Flora Thomson-DeVeaux: A reportagem é uma denúncia.

Matheus Pestana: Pra registrar: "Olha, está um buraco, essa estrada que é tão importante para esse país."

Jairo Alves Leite: Só estava terraplanada, a erosão, chuva levou, deixou buracos e tudo no meio da selva.

Flora Thomson-DeVeaux: Essa acabou sendo a última aventura da Joan. Mas ela não morreu nessa viagem.

Jairo Alves Leite: Joan Lowell acabou morrendo em Brasília também em 1967.

Matheus Pestana: Aí ela falece, o que aparentemente é uma parada cardíaca. E aí ela é encontrada alguns dias depois, com a cachorrinha do lado dela, a Pretinha. E, bom, é assim que termina essa história.

Flora Thomson-DeVeaux: A Joan foi enterrada em Brasília, junto com o capitão Leek Bowen. Tem um detalhe que eu acho bonito, que é: no atestado de óbito dela não diz "Joan". Diz "Joana".

E o que foi feito do Hollywood goiano? Já não tem mais quase nada de pé do "The Anchorage", a casa da Joan na terra prometida. E, quando a Joan morreu, a Janet Gaynor já tinha abandonado a casa dela em Anápolis fazia um tempo, e voltado pros Estados Unidos.

Matheus Pestana: E aí ela fica por lá e não volta mais. E a fazenda dela acaba sendo ocupada pelo Movimento Sem Terra.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas a Mary Martin, a Peter Pan da história, ficou uns bons anos lá em Anápolis.

Matheus Pestana: E a Mary Martin fica até quase o fim da vida. Então ela tem um filho, o filho dela tem dupla cidadania. Esse filho é um grande ator da série Dallas.

Flora Thomson-DeVeaux: Sabe o Larry Hagman, o JR de Dallas? Então. Ele é uma grande figura anapolina. Depois da morte do pai dele, o marido da Mary, a família deixou de frequentar tanto o Brasil. Mas a casa deles ainda tá aí.

Matheus Pestana: Está até que muito bem conservada pelo tempo. Ela não caiu, está lá. As estátuas gregas estão lá. Está tudo lá.

Flora Thomson-DeVeaux: E quem tem planos pra essa casa é o Jairo. Ele sonha em comprar ela.

Matheus Pestana: O objetivo da vida dele agora é fazer dessa fazenda um museu para contar essa história, a história das três.

Jairo Alves Leite: Resgatar essa fazenda, restaurar e fazer o museu-casa-fazenda lá.

Flora Thomson-DeVeaux: Esse museu estaria ali pra preservar a memória do que aconteceu – mas, talvez principalmente, a memória do que não aconteceu. A memória da Hollywood brasileira-goiana que poderia ter sido. Dos sonhos de febre que a Joan Lowell quase conseguiu fazer virar realidade.

Jairo Alves Leite: E eu acho interessante os trocadilhos aí. A "Terra Prometida" de Joan Lowell e a "Terra do Nunca", de Peter Pan [ri]. Não é verdade? Neverland.

Branca Vianna: Essa história foi produzida pela Flora Thomson-DeVeaux.

Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Na página desse episódio no site da Novelo, tem umas fotos meio sinistras do galpão do sítio do Romero, e tem fotos incríveis da Joan Lowell no sítio dela em Anápolis, direto do acervo do Instituto Jan Magalinski, que é dirigido pelo Jairo Alves Leite. Também tem o link para a nova tradução de Terra Prometida – que, aliás, tem um prefácio escrito pela Flora.

Você também pode seguir o Rádio Novelo Apresenta na plataforma onde você tá ouvindo esse episódio: se inscrever no canal da Novelo no YouTube, seguir a gente no Spotify, no Apple Podcasts, favoritar na Deezer, enfim, você sabe o que fazer... Também dá pra deixar um comentário sobre o episódio, tanto nas nossas redes, quanto na Apple ou no Spotify.

Pra falar com a gente, é só marcar @radionovelo no Twitter ou no Instagram, ou mandar email pro apresenta@radionovelo.com.br. Foi assim que a gente ficou sabendo da história do sítio de Campo Largo. A ouvinte Aline conheceu o Romero por acaso, em uma das viagens dele. Ouviu a história dele, e mandou pra gente.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux.

A produção executiva é da Marcela Casaca, e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

A Natália Silva é editora executiva.

Nossos repórteres e roteiristas são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães, a Sarah Azoubel, a Carol Pires, a Bárbara Rubira, e a Carolina Moraes.

A Ashiley Calvo é produtora.

A checagem deste episódio foi feita pela Luiza Silvestrini e pela Caroline Farah.

O desenho de som desse episódio é da Mariana Leão e da Paula Scarpin.

A mixagem é da Bia Guimarães e da Júlia Matos.

Nesse episódio, a gente usou música original de Kiko Dinucci, e também da Blue Dot.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

A nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira, nossa coordenadora executiva é a Lara Martins, e a nossa estagiária é a Isabel de Santana.

Obrigada, e até a semana que vem.